

Estilo estético, uma maneira de estar no mundo

Héris Arnt*

A época contemporânea, ao contrário da idade moderna, que se organiza sob a égide da razão, funda-se no que Maffesoli chama de cultura do sentimento. O império do imaginário, o lúdico, o hedonismo levam à estetização da existência. A estética, deste ponto de vista, assume um sentido pleno que engloba não somente as obras de arte, mas todas as manifestações da vida cotidiana. Tudo, na sociedade atual, está contaminado pela estética, desde as instituições políticas, até a vida econômica, o consumo, o universo empresarial. Há uma estetização da existência que a moda, o cuidado com o corpo, o não utilitarismo do consumo são as consequências mais imediatas e evidentes.

Em A contemplação do mundo, Maffesoli define, logo de início, o conceito de estética, que adquire o sentido de "empatia, do desejo comunitário, da emoção ou da vibração comum" (1995, p.11). O sentido dado por Maffesoli ao termo remete à etimologia grega da palavra, *aithesis*, que significa o mundo das sensações, o que se opõe à lógica. Neste sentido está implícita a idéia de comunicação, afastando-se do significado de ciência do belo, que o termo estética tomou a partir de Baumgarten, no século XVIII.

A arte sendo um dos aspectos que suscita o sentimento de agregação, e provoca emoção, será uma das características da nossa época. Maffesoli usa o termo muito apropriado de "estetização galopante". A arte impregna tudo, desde os objetos mais usuais - através das concepções do design - até a invenção da vida cotidiana. Tudo torna-se obra de criação, tudo pode ser compreendido como a expressão de uma experiência estética. "A partir de então, a arte não

poderia ser reduzida unicamente à produção artística, entendida aqui como a dos artistas, mas torna-se um fato existencial". (1996, p.12).

Para se entender a contemporaneidade, Maffesoli propõe uma "hiper-racionalidade", quer dizer, um modo de conhecimento que integra pensamento e sensibilidade e não exclui aspectos da vida que são comumente considerados secundários, como a frivolidade, a aparência, a emoção. Esses aspectos mostram a "sólida vitalidade social" e dão um sentido estético à existência. A hipótese da qual parte Maffesoli é a de que "há um hedonismo do cotidiano irreprimível e poderoso que subentende e sustenta toda vida em sociedade" (1996, p.11). Este hedonismo, em última instância, é que ordena a sociedade - de maneira explícita ou discreta - formando uma verdadeira estrutura antropológica. Evidentemente há épocas menos ou mais sensíveis. Para o autor, a contemporaneidade distingue-se pelo hedonismo, pela valorização de tudo o que aproxima as pessoas na vida cotidiana - a adesão aos espetáculos de música, de esporte, os bailes de rock, pop ou funks, as seitas religiosas são exemplos dessa tendência. A vida social, independente da conjuntura política e das contingências econômicas, organiza-se em torno dos sentimentos e das emoções, tornando os laços sociais totalmente emocionais.

A concepção de estética em Maffesoli inclui necessariamente o outro e é um conceito de comunicação. Nossa época tem dois aspectos dominantes: o estilo e a imagem. É em torno das imagens que o espírito comunal se forma. Este final de século assiste à explosão da imagem em todos os domínios. A presença da imagem, impregnando todos os níveis da

sociedade, determina um estilo de vida, que Maffesoli chama de "estilo estético".

O termo estética assume, a partir daí, seu duplo significado: de sentimento e de emoções compartilhadas, sugerido pela etimologia da palavra, e o sentido lato que remete à beleza e às obras de arte.

Estilo estético

Cada época pode ser compreendida a partir de um estilo dominante: assim como a Idade Média foi marcada pelo estilo teológico, o século XVII foi um século barroco e a modernidade pelo estilo econômico, Michel Maffesoli considera que a contemporaneidade é definida pelo que ele chama de estilo estético.

É indispensável deixar claro que a concepção de estilo implica em uma tomada de posição. O estilo é resultado de um conjunto de formas que resultam em características idênticas - sendo o estilo de uma época o resultado da visão de mundo da sociedade como um todo, no momento em que aflora. Uma tal visão sobre a questão atribui ao estilo uma função social, muito mais do que individual. Esta é a questão colocada por Guyau, em princípios deste século, demonstrando que o estilo de um indivíduo é a materialização da época em que viveu. Para Maffesoli, "o estilo é o caráter essencial de um sentimento coletivo" (1995, p.26). Esta concepção de estilo afasta-se diametralmente da concepção de que o estilo é o homem. O autor baseia-se nos estudiosos da arte que consideram as mudanças de estilo ligadas à sensibilidade e à maneira de ser e pensar de uma época, mais do que a realizações individuais. Nós encontramos suporte para esta afirmação em Wölfflin, Eugenio D'Ors, Gilbert Durand, Guyau, para não nos alongarmos demasiadamente na lista.

Seguindo caminhos propostos por Gilbert Durand, podemos dizer que é possível compreender o sentido de uma época a partir de suas criações, artísticas ou não. Cada época traz em si idéias obsessivas, verdadeiras estruturas antropológicas. A obra de arte é agente e resultante dessas idéias. Para Durand, as características dominantes de uma época podem ser desvendadas através das obras de arte nela produzidas. As ações e os sentimentos que determinam as relações sociais geram um gênero de arte específico a cada época, que podem cobrir imensas áreas do globo, e por longo período, como foi o caso do espírito barroco. A esses períodos, marcados por estilos dominante, Durand chama de *bassin sémantique*. Certos períodos da história da cultura são tão fortemente marcados por valores, pela visão de mundo, "que obrigam as individualidades criativas à alteridade obsessiva e repetitiva de um estilo que marca tal área ou tal momento cultural" (Durand, 1989, p.22). Isto ocorreu com o franciscanismo na Idade Média, determinando um gênero de filosofia e arte, com o espírito bucólico do século XVIII, que penetrou no estilo romântico. Não estamos muito longe da definição dos "eons" de Eugenio D'Ors, que vê no barroco um estilo que corresponde ao espírito geral, fundamentado por uma estética da irracionalidade, com predominância de formas irregulares e a combinação de estilos contraditórios.

Wölfflin, com a noção de "comunidade de estilo", reconhece a existência de tendências específicas de estilo que aparecem numa época dada, em um grande número de artistas muito diferentes. Maffesoli aprofunda a questão colocada por Wölfflin, dizendo que a "comunidade de estilo" nasce do fato de que todos participam de uma realidade específica e acabam por exprimir as mesmas características.

Maffesoli, seguindo pistas de M. Saphiro (Stile, artiste et société. Paris: Gallimard, 1982), vê o estilo como a forma visível do pensamento e do sentimento coletivos. O estilo é portanto a manifestação da cultura como totalidade, muito mais do que de indivíduos isolados. Deste ponto de vista, o que é importante são as formas compartilhadas por todas as manifestações artísticas de uma mesma cultura durante um determinado período, e não o estilo de um indivíduo ou de uma arte isolada. O estilo é a forma exterior de uma unidade. É neste sentido que

se pode falar do homem clássico ou do homem medieval.

"Nada escapa à atmosfera de uma época, mesmo os que acreditam ser totalmente independentes. Pode-se, assim, a respeito da modernidade, falar de uma mitologia do progresso ou de uma mitologia do fazer" (Maffesoli, 1992, p.139). Ao contrário da modernidade, que toma a forma de uma categoria rígida, universal, lógica, a contemporaneidade "vai valorizar o sensível, a comunicação, a emoção coletiva, e será então mais relativa, completamente dependente do grupo (ou tribo) que estrutura enquanto tais, será então uma ética, um ethos que vem de baixo" (1996, p. 25). É por essas particularidades opostas à maneira de ser e de pensar da modernidade que Maffesoli considera nossa época pós-moderna.

Ao analisarmos as modificações radicais por que está passando a sociedade, não podemos deixar de colocar a questão da noção de pós-modernidade. Para Maffesoli, inaugura-se uma nova maneira de se comunicar no mundo. No final dos anos 80, a discussão criada em torno do fim da Idade Moderna teve grande repercussão no Brasil. Enquanto europeus discutiam se o modelo da modernidade chegara ao fim, e estaríamos numa era pós-moderna, no Brasil o centro da discussão era em torno de se, algum dia, havíamos sido modernos. Maffesoli esteve no centro desta discussão, não só por defender a pós-modernidade, mas por atribuir a países periféricos os ingredientes do pós-moderno, a partir da convivência, numa mesma área geográfica e num mesmo tempo, de relações sociais muito diversas. O Brasil está particularmente inserido neste mesmo momento, justamente por conviver com duas tendências opostas, muito fortes: por um lado, o enraizamento numa sociedade tradicional, com laços afetivos comunitários e, por outro, o seu desenvolvimento técnico-econômico. Para o autor, o Brasil é um laboratório da pós-modernidade.

O próprio Maffesoli afastou-se desta polêmica, que não passava de uma maneira de afastar a verdadeira discussão sobre as mudanças absolutamente radicais por que estava passando a sociedade, tais como: o fim do político, quer dizer, a desmobilização do cidadão que reconhece os limites à participação política; o esgotamento do modelo democrático que não conseguiu assegurar igualdade e bem-estar social à maioria dos cidadãos; a globalização em nível macroeconômico,

que aprofunda a questão da desmobilização, uma vez que as instâncias de poder são cada vez mais longínquas, indecifráveis e anônimas. As conseqüências, no âmbito político, são a ilegitimidade dos governos e instituições, com a abstenção eleitoral da ordem de 75% em alguns países; no âmbito social, a fragmentação, o retorno dos laços comunitários e da predominância dos grupos; a volta, com força, da comunicação estética.

É nesta linha que o conceito de estética é um conceito de comunicação. Mais do que isto, para Maffesoli a estética é uma ética, é o que gere a vida em sociedade. O sentimento estético é o que agrupa as pessoas em torno dos mesmos interesses, e permite o bem-viver social. Esses sentimentos vividos juntos não são nem virtuosos nem nefastos, eles são o que são, uma manifestação vital, uma maneira de viver em sociedade, de viver com o outro, uma ética. Este é o mais polêmico conceito de Maffesoli. A estética, que domina todas as instâncias da vida social, é uma ética do viver junto, de aceitação da vida tal como ela é. O que Maffesoli chama "ética da estética" é uma cultura de grupo "perfeitamente amoral", que se baseia sobre "o prazer e o desejo de estar junto sem finalidade particular e sem objetivo específico." (1996, p.56).

Para Maffesoli, o estilo de uma época é resultante da interação e entrelaçamento de uma infinidade de estilos, que acabam por criar um estilo global: "é esta unidade global que merece atenção". (1995, p.27). O estilo da contemporaneidade é fragmentado. Esta estética fragmentada, que impregna a totalidade da existência, é a característica global do estilo contemporâneo.

Corpo fragmentado

A sociedade estética pós-moderna é uma sociedade fragmentada, composta por uma infinidade de grupos, em que cada um cria seus micro-sistemas de valores. A adesão ao grupo inclui a teatralidade, a moda, que não é só a maneira de vestir, mas as marcas no próprio corpo. Na cor e corte do cabelo, na tatuagem, nos brincos pingentes, aparece com todo o vitalismo a estetização da nossa época. O prazer de estar junto é determinado pelo gosto comum e pela teatralização que isto implica. Cada um, dentro do grupo, procura o máximo de originalidade dentro da uniformidade. A partir daí, todos os excessos podem ser cometidos. A diversidade dentro da igualdade. Esses

são os fundamentos de uma estética, tomada no sentido estrito do termo, de procura do belo, e dos fundamentos do belo, em relação a ele mesmo e aos padrões por ele criados, segundo o gosto da época, o modismo, o desenvolvimento técnico que o permitiram.

A sociedade contemporânea, seguindo-se o pensamento de Maffesoli, é fragmentada, com o predomínio de uma estética fragmentada - composta por grupos absolutamente homogêneos no seu interior, opostos ou não uns aos outros. Cada grupo cria seu padrão estético, e reúne pessoas que comungam os mesmos gostos, os mesmos códigos, formando verdadeiras comunidades dos iguais. A estetização e a teatralidade são fatores primordiais de comunhão - de uma comunicação não verbal, não ideológica, que se baseia exclusivamente no prazer de estar junto, de viver junto as emoções fortes que a participação em grupo permite. A estetização galopante resume tudo ao jogo das aparências.

Dentro desta dinâmica, em que tudo se reduz à aparência, o corpo exhibe-se com sensualidade e teatralidade, expressando uma maneira de ser e de sentir, que é uma forma de comportamento em relação ao outro. Não só a vestimenta, mas o próprio corpo leva irremediavelmente às marcas de uma estética. As tatuagens, os pingentes perfurando o rosto, ou a magreza anoréxica marcam um esteticismo radical, levado às últimas conseqüências: "A importância da aparência na vida quotidiana está diretamente ligada ao sentimento do efêmero, à repetição do ciclo, ao trágico do destino" (1992a, p.22) Estas manifestações em grupo são verdadeiramente ritualísticas e estão aí para mostrar que a existência é a expressão de uma vontade de viver fundamental: "O ritual neste sentido é uma expressão do trágico que vem do fato da existência ser sempre remetida a ela própria" (p.26). A sociedade contemporânea é inteiramente ritualizada; os espetáculos esportivos, a música e a dança a que os jovens se lançam são um pequeno exemplo desses ritos cotidianos. A este respeito podemos citar a "fúria consumista" que dá às grandes cidades um ar de mercado permanente, e que às vésperas de Natal mostra uma exacerbação contagiante, com gastos ostentatórios sem precedentes.

A sociedade do espetáculo antevista por muitos sociólogos será uma dominante da contemporaneidade. Só que Maffesoli considera este aspecto, próprio da sociabilidade

estética, com otimismo, como renovador do elã social, fonte de criação e agregação das pessoas.

Ideal comunitário

Para Maffesoli, essas singularidades que começam a se delinear na sociedade correspondem ao ressurgimento do que ele qualifica de "ideal comunitário", ou seja, o retorno de elementos arcaicos que vêm substituir os valores que foram a marca da modernidade: o ideal de igualdade, a crença no futuro, no progresso e nas utopias.

Quando Maffesoli refere-se ao ideal comunitário, está falando do que há de mais prosaico na vida quotidiana, mas que constitui um estilo de vida e é fonte de vitalidade - como as associações

A concepção de estética em Maffesoli inclui necessariamente o outro e é um conceito de comunicação. Nossa época tem dois aspectos dominantes: o estilo e a imagem. É em torno das imagens que o espírito comunal se forma.

de moradores, de defesa dos direitos humanos, da ecologia, das baleias; mas também dos espetáculos de música que agregam adeptos de um cantor e, tratando-se do Rio de Janeiro, dos bailes funks nas favelas. No interior desses grupos, existe um código implícito agregador, tão forte como nas sociedades tribais primitivas, estabelecendo relações de adesão ou de repulsa entre diferentes grupos. Em alguns casos as diferenças são fatores de coesão; em outros, é eliminada qualquer possibilidade de convivência pacífica - e a marca é a violência que se observa em eventos, mesmo festivos.

A contemporaneidade substituiu a cultura da razão pela cultura do sentimento - provocando o ressurgimento dos laços grupais, do desejo de pertencer a um grupo, de fazer parte das comunidades. A formação dessas comunidades, de adeptos dos mesmos códigos, não inclui necessariamente a presença física - o sentimento comunitário pode ser compartilhado por pessoas que comungam os mesmos gostos e prazeres, como por exemplo, os clubes de leitores de um gênero literário, os fã-clubes ou os "internautas". Essas são diferentes maneiras de viver o "ideal comunitário" na nossa época.

Os elementos arcaicos, tais como os laços

comunitários, a cultura do sentimento, ressurtem com força total, neste final de século, comprovando que a racionalidade moderna não conseguiu eliminar o sensitivo, o não racional da vida social. Essas manifestações da existência, neutras em si, podem ser para o "melhor ou para o pior", como podemos ver na emoção e/ou violência experimentada nas platéias de certos espetáculos. A identidade a um grupo elimina qualquer outra possibilidade. Isto talvez explique a violência das torcidas nos estádios de futebol, mais ou menos disseminada em diversos países.

Para o "melhor", muitas formas de solidariedade e de generosidade têm aflorado na sociedade, sem que, no entanto, venham sendo objeto de reflexão. Mesmo que essas ações não apresentem resultados objetivos de eficácia, elas representam uma maneira de encarar a existência presente, numa tentativa de melhorar a vida do próximo, sem a crença numa sociedade futura, longínqua e perfeita.

E esta forma de solidariedade assume um sentido estético, favorece a emoção, fortalece o sentimento coletivo e cria os laços comunitários. Tudo isto é da ordem de um novo estilo de comunicação, que não elimina o outro, que reconhece a alteridade. A hipótese de uma pós-modernidade baseia-se nesta nova solidariedade de que estamos tendo os indícios, e que é uma criação social totalmente diferente das formas que prevaleceram durante a modernidade. Para Maffesoli, este novo estilo de solidariedade emocional e afetiva é uma ética (sobre a ética, ver o artigo de João Maia, nesta revista).

Maffesoli leva em consideração os riscos do renascimento do espírito comunitário: "É verdade que, em muitos aspectos, o ressurgimento comunitário não deixa de ser inquietante. A atualidade está aí, com seus gritos e seus furores, para nos lembrar dos perigos inerentes aos comunitarismos religiosos, étnicos ou lingüísticos. Deve-se ter consciência desse problema. As diversas solidariedades cotidianas, a multiplicidade dos agrupamentos amigáveis, culturais, sexuais e esportivos estão aí para prová-lo. Seja como for, paradoxística ou cotidianamente, no horror ou na suavidade, o novo estar-junto está aí, bem aí. E nada serve negá-lo, recusar sua existência e amplitude, sob pena de sobressaltos, quando, pontualmente, suas manifestações fazem-nos lembrar dele." (1995, p.75)

Os indivíduos valem pelo grupo em que estão inseridos: "De fato, a noção de estilo nos ensina que o homem só o é enquanto está enraizado em um substrato que lhe dá

seu valor, que ele não tem valor senão inserido no seu meio social e natural." (1995, p.37) A contemporaneidade, interposta por uma mídia absolutamente impregnante, tem nas figuras emblemáticas das estrelas de música, esporte, cinema, televisão ou guru intelectual ou religioso a cristalização do gênio coletivo. E essas figuras emblemáticas da nossa época estão a dizer que você não é se não pertencer a uma tribo: "Através dessa cristalização, vão-se constituir microcomunidades. O que pode explicar a saturação do ideal democrático e a emergência, sob muitos aspectos ambígua, do que se poderia chamar de ideal comunitário." (Maffesoli, 1995, p.39)

A comunicação na pós-modernidade, antevista por Maffesoli, valoriza o sensível, a emoção coletiva, estabelecendo uma comunicação estética, não racional. A pós-modernidade funda-se sob uma outra ordem comunicacional, "simbólica em seu sentido mais forte, uma ordem que, depois do parêntesis da modernidade, fundada no principium individuationis, reencontra o principium relationis das sociedades tradicionais ou primitivas." (1995, p.78)

Maffesoli coloca em questão a crítica à comunicação feita por Baudrillard, que afirma que a profusão de comunicação na atualidade é um sintoma da ausência de comunicação. A apreciação de Baudrillard estaria correta, segundo Maffesoli, desde que se entenda a comunicação no seu aspecto de conteúdo, no sentido restrito de transmissão e recebimento de mensagens. Mas estaria totalmente errada se levarmos em conta o sentido muito mais amplo do termo, que engloba a comunicação dos sentimentos e que está para além do conteúdo, que é uma comunicação emocional, baseada em sensações compartilhadas. Pode existir, portanto, "uma comunicação, que em todos os sentidos do termo, dedique-se a tocar a outro, a favorecer o contato com o outro, seja direta, seja indiretamente. Parece que esse é o tipo de comunicação que predomina, em nossos dias". (1995, p. 84).

Cultura de massa

O estilo estético está na base de uma nova sociabilidade e é uma nova forma de comunicação. Trata-se de uma comunicação fragmentária, que se passa no interior dos grupos com afinidades específicas. O estilo estético estabelece as correspondências de identificação, a partir de múltiplos códigos, que vão da

maneira de vestir ao estilo de vida, com os quais os pertencentes às diversas tribos se identificam. O sentido da estética que começa a se delinear a partir dos anos 80 não obedece aos critérios do bom gosto, ela "se afirma essencialmente como um vetor de socialidade." (1995, p.53)

O conceito de estética em Maffesoli ajuda a entender um fenômeno a que estamos assistindo, neste final de século, que é a crise da cultura de massa. A identificação não se faz mais horizontalmente, com um produto cultural atingindo um público amplo, e bastante uniformizado pelos padrões estéticos da cultura de massa. A identificação é vertical, entre adeptos dos mesmos códigos. A tendência da sociedade estética é a cultura especializada - destinada aos iguais. Ela pode

ser global e atingir um grande número de pessoas em todo o mundo, mas ela será especializada, destinada aos que comungam dos mesmos códigos, ficando eliminados todos os outros grupos. A indústria cultural vem se adaptando aos novos tempos e é interessante analisar um de seus produtos. O que vem acontecendo com o livro pode ser exemplar.

No século XIX, a literatura representava uma cultura de massa, transmitida através dos jornais, revistas literárias e fascículos. Ela era um meio de comunicação muito forte que favorecia os laços sociais. E isto era possível porque existia um universo simbólico, um projeto civilizatório comum. Essa literatura, no sentido mais amplo do termo, era engajada numa ideologia da educação, da cultura, do progresso pessoal e coletivo, da felicidade individual.

Nada disto existe hoje, pois a literatura tornou-se fragmentária, dirigida para segmentos estanques da sociedade. A literatura não representa o mundo, mas o fragmento do mundo, quer dizer, os diversos particularismos. O particular, em seu sentido estrito, tem caráter excludente, exige iniciação e tende à repetição e exacerbação.

O caráter de universalidade da literatura não desaparece na contemporaneidade, mas a questão não tem mais nenhum sentido. Não se trata mais da comunicação de valores universais, mas da transmissão de códigos particulares acessíveis a um grande número de pessoas. A tendência da literatura é, pois, a especialização. O particular marca-se pela intraduzibilidade, favorece os adeptos do mesmo código, cria laços de comunicação, de acordo com a especificidade que Michel Maffesoli dá ao termo. Laços de sociabilidade se estabelecem entre leitores do mesmo gênero, mesmo que a comunicação não seja direta. O sentimento de pertencer a um grupo é mesmo muito forte entre leitores dos livros de série de horror, de ficção científica, de ufologia, mas também nos clubes de leitores de Proust ou Eça de Queirós. Tudo isto passa a ser multiplicado infinitamente com o novo potencial de comunicação criado pelas redes de Internet. Basta examinar a lista dos "sites" para perceber a fragmentação rizomática dos grupos de discussão.

A literatura, como todos os outros produtos culturais, segmenta a comunicação. E isto não quer dizer que os grandes temas universais não têm mais lugar na literatura contemporânea, mas que eles têm o seu público cativo delimitado. A vocação da literatura é cada vez mais produzir para um segmento determinado - os segmentos se fragmentam em uma infinidade de sub-gêneros. A globalização e internacionalização dos produtos culturais da contemporaneidade diferem do fenômeno de cultura de massa, que perdurou até recentemente. Mesmo que se trate de um consumo em macroescala mundial, o mercado é totalmente especializado. A indústria cultural procura o tipo de consumidor e o tipo de produtor de seu produto, onde eles estiverem, para assegurar a produção e o consumo absolutamente gigantescos do mercado cultural.

A área editorial é o exemplo típico de adaptação de um setor da indústria cultural a uma nova realidade social, marcada pela comunicação fragmentária. Ao lado da produção centralizada de alguns títulos (que são lançados em escala mundial ao mesmo tempo), existe um dinâmico setor de milhares de pequenas editoras, espalhadas pelo mundo, formando uma linha de frente, tentando antever os rumos que o gosto do público vai seguir. A consequência desta fragmentação é o aumento considerável de títulos publicados. Nunca se publicou tanto - títulos novos, clássicos, títulos esquecidos, traduções. Traduz-se muito, de todas as línguas para todas as línguas.

É neste aspecto que a análise da produção editorial é interessante para a compreensão de todo o sistema cultural da atualidade. Apesar de a indústria cultural produzir para um macro mercado mundial, os receptores dos produtos culturais são grupos específicos, formados por verdadeiras tribos de aficionados.

Conclusão

A idade moderna promoveu uma separação nítida das diversas áreas da sociedade - a divisão entre vida privada e vida pública, economia e lazer, o que confere à modernidade uma organização social relativamente simples. O estilo podia ser, de um certo modo, uma coisa à parte, confinado ao domínio da arte. Na sociedade complexa como a nossa é praticamente impossível isolar um aspecto do outro - os limites entre comunicação, lazer, arte, economia são inexistentes.

Na sociedade pós-moderna, como nas sociedades holísticas, todos os elementos da vida social interagem-se, tornando impossível a separação de um ou de outro elemento: "Neste caso o estilo pode ser compreendido como o princípio de unidade, o que une, em profundidade, a diversidade das coisas." (1995, p.30) Deste ponto de vista, defendido por Maffesoli, o estilo é o elemento que liga os diversos componentes da realidade social.

Para Maffesoli a contemporaneidade é caracterizada como uma época que assume uma unidade interior e cria um estilo próprio. A força deste estilo "exprime o paradigma estético da pós-modernidade." (1995, p. 33). Na verdade, Maffesoli usa o termo unicité para explicar a unidade das manifestações da época contemporânea. Não se trata de uma unidade de valores, mas de um conjunto de formas dinâmico, sempre em mutação, que não é fechado em seus próprios princípios, mas tem uma grande coerência interior.

O estilo estético da contemporaneidade inaugura uma nova cultura, em que o "sentido do supérfluo, a preocupação com o inútil, a busca do qualitativo assumem o primeiro lugar. A pulsão estilística enquanto maneira de pensar, de agir, de sentir, é seu mais nítido indicador." (1995, p. 33)

A predominância estética da sociedade contemporânea é também anunciada por autores como Baudrillard e Eagleton. Para Baudrillard, a sociedade transestética elimina a possibilidade mesmo da existência da arte, onde tudo se transforma "em pura e simples produção de valores estéticos"

(Baudrillard, 1990, p.21), com a proliferação infinita dos signos e a reciclagem das formas. O autor observa o fenômeno de estetização da sociedade de forma negativa, dizendo que a estética "se materializou por toda a parte em uma forma operacional" (Baudrillard, 1990, p.23). Eagleton, por sua vez, aponta para o fim da arte, em consequência da estilização geral da época contemporânea, da estética tornada autônoma, legitimada como retórica da verdade e da moral. Maffesoli, ao contrário, vê o estilo estético como uma forma de ordenamento social, uma nova maneira de comunicação. O paradigma estético afasta o individualismo que norteou a modernidade. A comunicação estética, baseada nos sentimentos e emoções, determina uma comunicação que só pode ser vivida em conjunto, eliminando, pois, o individualismo como possibilidade, abrindo-se para o ideal comunitário e novas formas de sociabilidade.

Bibliografia

- BAUDRILLARD, Jean. *A transparência do mal*. São Paulo: Papyrus, 1990.
- D'ORS, Eugenio. *Du baroque*. Paris: Idées/Gallimard, 1935.
- DURAND, Gilbert. *Beaux arts et archétypes*. Paris: PUF, 1989.
- EAGLETON, Terry. *A ideologia da estética*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- GUYAU, J. M. *Les problèmes de l'esthétique contemporaine*. Paris: Alcan, 1929, 1.
- _____. *L'Art du point de vue sociologique*. Paris: Alcan, 1920.
- MAFFESOLI, Michel. Ludisme e socialité. In: *Cahiers de l'imaginaire*, L'Harmattan, n.8, 1992a.
- _____. *La transfiguration du politique*. Paris: Grasset, 1992b.
- _____. *A contemplação do mundo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.
- _____. *No fundo das aparências*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- WÖLFFLIN, H. *Principes fondamentaux de l'histoire de l'art*. Paris: Monfort, 1992.